Entrevista

Paulo Skaf: presidente da Fiesp

‘Já sentimos a claridade de um novo ciclo’

Para empresário, País precisa agora pensar em educação, inovação, tecnologia e infraestrutura

Para o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, o Brasil precisa começar a se preparar para se reposicionar no cenário global no pós-crise. “Para nos colocarmos de forma mais competitiva, precisamos dar ênfase a pontos como educação, inovação, tecnologia, investimentos em infraestrutura e formação profissional”, diz Skaf, na seguinte entrevista:

Mudou o humor do empresariado?
Estamos entrando numa fase de ascensão, porém lenta. Este ano, o PIB (Produto Interno Bruto) vai cair uns 0,5%, mas o ano que vem a gente vai ter um crescimento, até porque a base é baixa. E o principal é que, nos últimos 15 dias a sensação foi melhor do que nos 15 dias anteriores, que por sua vez foi melhor que nos 15 anteriores.

O pior já passou. E agora?
Agora, como já estamos sentindo o início de uma claridade indicando um novo ciclo, então nós já teríamos de estar agindo em relação ao pós-crise. E aí entra educação, inovação, tecnologia, investimentos em infraestrutura, formação profissional. Teríamos de estar dando ênfase a esses pontos.

O que preocupa no pós-crise?
É o Brasil se reposicionar no cenário global. Vamos dizer, vem o pós-crise, os mercados voltam a crescer, há uma retomada de demanda, do emprego e do crescimento da economia. Para que o Brasil esteja reposicionado, para que ele possa estar preparado para esse novo ciclo de crescimento saudável, que gera emprego e riquezas, nós teríamos de estar debruçados e procurando fazer o máximo em relação a esses pontos todos que citei.

‘Estamos entrando numa fase de ascensão, porém lenta’

Hoje, câmbio, crédito e custo de crédito são três pontos que estão mal parados. Mas, se ficarmos só com essa agenda e não pensarmos na inovação, na tecnologia, na educação e na infraestrutura, vamos cair na velha situação de voltar a crescer, mas com os mesmos problemas de sempre. Passam-se dois anos e volta o risco de falta de energia, os portos ficam lotados e não temos inovação. Em vez de crescer em manufaturados, que têm maior valor agregado, vamos crescer em commodities. Aí a gente exporta, traz muitos dólares, faz cair a cotação do dólar e prejudica a competitividade do manufaturado, que emprega intensivamente.

Hoje o Brasil sairia da crise mais competitivo?
Ainda não aconteceram realmente fatos que permitam falar que o Brasil sai mais competitivo. Porque os juros baixaram, mas ainda são muito elevados. O crédito recuperou, mas ainda está abaixo da demanda. Os spreads são muito caros. A inovação está no discurso, ainda é pouco. A educação não evoluiu como devia. Na infraestrutura, a gente sente que os investimentos no PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) são mais da Petrobrás. Até porque os investimentos privados travaram nesse período de crise.

Como seria no pós-crise?
Vamos imaginar que a partir do ano que vem não tenha mais crise, haja uma retomada da economia. É verdade que o Brasil passou por um trauma muito menor do que a maioria dos outros países. Agora, nós não promovemos as coisas que nos colocariam de forma mais competitiva. As reformas estruturais, cadê elas? Se tivéssemos votado uma boa reforma tributária, política e trabalhista, e tivéssemos aumentado realmente os investimentos em inovação, se as coisas tivessem acontecido com muita velocidade na infraestrutura, aí sim teríamos todas as razões para sairmos da crise em condições muito mais competitivas. ● M.R.

Publicação deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 23 ago. 2009, Economia & Negócios, online.